

Gênero, trabalho e saúde da mulher: percepção das malvicultoras da Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA

Mayara Viana de Lima¹

Sandra Helena da Silva²

Resumo

Este trabalho objetiva revelar as percepções das trabalhadoras no processo produtivo da fibra vegetal de malva sobre as questões de gênero, trabalho e saúde na localidade Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA. Realizamos entrevistas com cinco (05) malvicultoras da localidade. Como resultado, apontamos como as relações entre trabalho e gênero impactam na saúde dessas malvicultoras devido à insalubridade do processo de produção da malva. Destacamos ainda o papel relevante das mulheres nesta produção, no âmbito da agricultura familiar, pois o trabalho delas contribui fundamentalmente em toda produção da fibra.

Palavras-chave

Percepções; Trabalho; Gênero; Saúde; Malva.

Gender, work and women's health: perception of the malvicultors of the Isle of Valha-me Deus - Juruti/PA

Abstract

This paper aims to reveal the perceptions of workers in the production process of plant fiber mauve on issues of gender, work and health in the locality Island Goodness me - Juruti/PA. We interviewed five (05) malvicultoras the locality, and the data analyzed on the basis of theoretical research. As results, we point out the labor relations, gender and health as these malvicultoras is impaired due to unsanitary manufacturing process of mauve. We also highlight the relevance of women in this production, in the context of family farming role because their work contributes fundamentally across the fiber production.

Keywords

Perceptions; Work; Genre; Health; Malva.

Introdução

A discussão sobre a produção das fibras vegetais na Amazônia, assim como outros processos produtivos, implica, necessariamente, destacar a problemática das relações de gênero e trabalho. As relações de gênero aqui examinadas decorrem da participação das mulheres nos processos produtivos da malva, no espaço da agricultura familiar. Este estudo leva em conta a falta de reconhecimento do trabalho dessas mulheres nestes ambientes. Quanto às relações de trabalho, estas seguem a lógica do capitalismo, num processo de exploração e apropriação de mais-valia, no qual o dinheiro, o ter, passa a permear as relações sociais e de trabalho. É também por meio do trabalho que os humanos reproduzem as relações sociais e incorporam valores, funções, hierarquia e formas de sociabilidade.

O processo de produção da fibra de malva na Ilha do Valha-me Deus, especificamente na Amazônia, ainda adota modelos e técnicas simples, havendo introdução precária ou nula de tecnologias e modificações. As características dessa produção também afetam a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras de uma forma muito intensa, devido à permanência de oito a dez horas diárias dentro d'água, para realização de atividades de corte da planta da malva para retirar a fibra. Os trabalhadores e trabalhadoras ficam expostos ao sol, à chuva e aos ataques de animais aquáticos e peçonhentos.

É necessário ter um novo olhar para as trabalhadoras rurais que trabalham com a malva, que arriscam suas vidas durante anos no processo produtivo e obtêm um baixo rendimento e reconhecimento. Nessa perspectiva, a pesquisa objetiva revelar as percepções que as mulheres trabalhadoras de malva possuem sobre as relações de gênero e trabalho na Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, enfatizando o aspecto da saúde das malvicultoras.

A estrutura do trabalho está apresentada da seguinte forma: foi feita, primeiramente, a *descrição do campo* e dos *informantes da pesquisa*, posteriormente discutimos a *produção da malva*, bem como a *questão de gênero*. Por fim, traçamos uma breve discussão acerca dos temas em discussão ao longo do trabalho.

Metodologia: descrição do campo e dos informantes

Optou-se pela abordagem metodológica qualitativa. Segundo Chizzotti (2008, p. 79) esta pressupõe que “[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]”. Quanto ao delineamento da pesquisa, optou-se pelo estudo de caso (YIN, 2010) para ter uma melhor aproximação do real estudado.

As técnicas e instrumentos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, entrevistas seguindo roteiro de perguntas com cinco trabalhadoras rurais da malva e o diário de campo. Os dados foram analisados com base no referencial teórico apreendido por meio da pesquisa bibliográfica em triangulação, com os dados de campo e a organização dos autores.

A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2012 a junho de 2013, na comunidade ribeirinha Ilha do Valha-me Deus. Esta comunidade pertence ao município de Juruti, estado do Pará. É importante destacar que, apesar de a Ilha do Valha, como é comumente chamada pelos moradores, estar localizada no estado do Pará, todo o processo de cadastramento, obtenção de sementes e entrega da produção é realizada junto aos órgãos responsáveis localizados no município de Parintins (Amazonas). A comunidade foco da pesquisa, que tem uma produção de malva estimada entre 150 a 180 toneladas, é a maior produtora da região.

Na Ilha do Valha-me Deus residem 54 famílias, de acordo com dados obtidos por meio de entrevista com o presidente da comunidade, eleito representante comunitário por meio de votação dos moradores locais, fato comum em localidades rurais amazônicas. A Ilha está localizada em área de várzea caracterizada como “[...] áreas que sofrem uma dinâmica sazonal de cheia e vazante” (TORRES; RODRIGUES, 2010, p. 236). Esses ciclos influenciam diretamente o cotidiano dos moradores da localidade.

A principal atividade econômica é a produção agrícola, em especial das fibras vegetais, além de outros cultivos de menores proporções, como melancia e jerimum. A infraestrutura urbana não apresenta saneamento básico. A água para as atividades diárias é retirada diretamente do rio pelos moradores. Aqueles que têm melhores condições dispõem de motor bomba para abastecer caixas d’água particulares e motor gerador de energia elétrica. A energia elétrica de uso comunitário é ligada por apenas algumas horas, durante a noite, das 18h às 23h, devido às atividades escolares.

A área de maior concentração de pessoas na Ilha do Valha é composta por residências, uma igreja evangélica (Assembleia de Deus, religião predominante), uma casa pastoral na qual reside o pastor da igreja e os seus familiares, duas pequenas casas comerciais, um posto de saúde, uma escola de ensino fundamental e um centro cultural.

Não foi possível identificar o número de mulheres que trabalha na malva na comunidade, devido a questões de logística da pesquisa. No entanto, foram selecionadas cinco mulheres que desenvolvem ou desenvolveram papel ativo na

produção das fibras e aceitaram participar da pesquisa. Além das cinco entrevistadas, no processo de coleta de dados contamos com a participação do agente de desenvolvimento rural residente na comunidade e do técnico agropecuário do IDAM (Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Amazonas). As mulheres foram identificadas de acordo com a dinâmica de realização das entrevistas, em uma sequência de 1 a 5. O agente de desenvolvimento rural é identificado como entrevistado 6.

Produção da malva: trabalho e saúde das malvicultoras

O histórico da produção das fibras vegetais no Amazonas se inicia com a juta que não era uma planta cultivada no país, sendo introduzida a partir da imigração dos japoneses. Procurou-se o desenvolvimento do cultivo da juta à semelhança da Índia, seu país de origem, maior produtor mundial da fibra, e também de seu maior exportador, Bangladesh.

Noda (2010, p.69) destaca que “as fibras de juta eram obtidas das hastes das plantas da família botânica das *Tiliaceae*, do gênero *Corchorus* e da espécie *capsulares L.*” Homma (2010) destaca que a introdução da juta no Brasil, mais especificamente na Amazônia, ocorreu em virtude do trabalho na extração da borracha, em 1929. No Amazonas, em 1930, teve-se a data oficial da imigração japonesa no estado, com a implantação dos imigrantes no município de Parintins.

De acordo com Homma (2010), é em 1971, devido à falta de sementes de juta, que se deu início à produção de malva nas várzeas do estado do Amazonas por iniciativa da Brasiljuta S.A. Fiação e Tecelagem de Juta. A empresa foi fundada em 1951 por Mário Expedito Neves Guerreiro (1921) e operou até 1990. A planta da malva é típica do Brasil, mas ela não possuía valor econômico, era tida como um mato qualquer e, até mesmo, como praga nas roças na Amazônia, devido à sua adaptação a solos de pouca fertilidade.

Noda (2010, p.79) destaca que “[...] As fibras de malva eram plantas da família botânica das *Malvaceae*, do gênero *Pavonia* e da espécie *Urenalobata L.*, espécie nativa da América tropical, ocorrendo em estado silvestre desde o Pará até Minas Gerais [...]”. Atualmente, a produção das fibras vegetais no baixo Amazonas está restrita apenas à malva, não se planta nem produz mais a juta por diversos fatores, entre eles a falta de sementes.

No que se refere à forma como a fibra da malva é produzida, com base nos escritos de Noda (2010), podemos destacar que no cultivo da malva, o processo de trabalho é iniciado com o preparo do terreno para a sementeira. Após este

momento tem-se a preparação das sementes a serem plantadas, uma vez que elas precisam passar por um processo de cozimento antes do plantio.

A semeadura é feita tanto manualmente quanto por meio da utilização de uma máquina tipo tico-tico, que possibilita a regularidade no espaçamento e o crescimento uniforme das plantas. “Esse trabalho da malva ele é um trabalho aperreado, até que no plantio até que não, a gente planta com máquina [...]” (Entrevistada 03). “Antes de Ryota Oyama aperfeiçoar a máquina ‘tico-tico’, as sementes de juta eram jogadas a ‘laço’, ocasionando grande perda” (HOMMA, 2010, p. 55).

O passo seguinte é o trabalho de capina, que consiste na limpeza das ervas daninhas. No mesmo período realiza-se o processo de retirada das plantas em excesso. À época, quando a malva fica madura, é realizado o corte ou colheita, trabalho realizado, geralmente, antes que as águas do rio subam demais e cubram a plantação. Após cortadas, são enfeixadas (atadas em feixe de vinte e cinco a trinta hastes de plantas).

Os feixes, então, passam pelo processo de afogamento, que consiste na submersão em água para a maceração a partir da qual bactérias anaeróbicas agem no sentido de desprender a fibra do lenho e remover a goma na lavagem para, assim, tornar a fibra alva: “corta uma quantia de duzentos, trezentos feixes, aí afoga, passa aqueles dias” (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013).

Em seguida, ocorre o processo de desfibrilamento, realizado dentro d’água. “Você vai lá, puxa toda aquela fibra daquele feixe e amarra, porque ela não pode ficar espalhada senão ela vai atrapalhar” (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013). Este trabalho é efetivado em condições de alto risco para a saúde e para a vida dos agricultores que tendem a sofrer com reumatismo e ataques ou picadas de animais venenosos. As mulheres sofrem consequências ainda maiores, devido suas características ginecológicas (cólicas, menstruação, gravidez):

Eu sinto muita dor e eu não garanto mais trabalhar. Na barriga, nos meus ossos, olha como está minha mão de ontem, de estar puxando [desfibrando], e aí eu não aguentei mais, isso aqui eu digo, meu filho, pega um óleo e faz uma massagem na minha costa que eu não aguento mais [de dor]. (Entrevistada 02. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

A gente tem que fazer barulho na água, picando na frente da gente [para assustar os animais aquáticos]. Eu prefiro enfrentar arraia do que a sanguessuga, eu sempre trabalho de bota, calça comprida. (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

O desfibrilamento da malva é realizado pelas mulheres entrevistadas, mas não é um trabalho tipicamente feminino. Apesar disso, elas detêm o conhecimento do processo produtivo, executam as atividades das etapas de produção, enfrentando o grande desgaste físico, superando suas condições biológicas e os riscos de picadas e ataques de animais aquáticos. O trabalho por elas realizado equivale ao trabalho que um homem pode realizar. Sem o trabalho delas seria necessária a contratação de outro trabalhador. Sobre esse trabalho árduo, elas relatam:

Para lavar você vai lá puxar toda aquela fibra daquele feixe e amarrar porque ela não pode ficar espalhada senão ela vai atrapalhar, aí tem que fazer o varal para poder jogar essa malva, aí é trabalho né. (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

É muito triste a gente trabalhar dentro d'água, viver n'água. Tem gente que diz: tu faz trabalho de um homem. E a gente faz mesmo. (Entrevistada 02. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

É importante destacar que todo processo de produção da juta/malva, passados 80 anos, é realizado de forma manual/artesanal e insalubre, uma vez que os produtores rurais ficam, em média, de oito a dez horas por dia submersos com água até a cintura, sob o calor do sol e vulneráveis ao ataque de animais peçonhentos: “a gente ia umas sete horas, oito horas, só voltava de tarde. Um quatro horas” (Entrevistada 01. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013).

No período em que se tem maior demanda, os trabalhadores e trabalhadoras tendem a se dedicar a esta atividade todos os dias da semana, com pouco tempo de intervalo para o descanso. Eles preferem fazer refeições dentro d'água mesmo, uma vez que se saírem perdem a vontade de continuar com o serviço.

Neste processo produtivo estão inseridos filhos, mulheres, homens, idosos, enfim, todos os membros da família participam direta ou indiretamente. Ferreira (2009, p.173) reforça:

O momento do desfibrilamento é onde o trabalhador da malva corre alguns perigos e, também, tende a desenvolver algumas doenças que eles definem como reumatismo, gripe, problemas dermatológicos devido à

insolação, fungos nas unhas dos pés e das mãos, problemas oftalmológicos e outros. Nessa etapa do processo de trabalho há, também, o risco iminente de ataque de cobras, poraquês, arraias, jacarés, lacraias, formigas, escorpiões e sanguessugas. Esse é o momento mais penoso dessa atividade, podemos afirmar categoricamente que esta etapa do processo produtivo representa a degradação objetiva do corpo [dos produtores].

Além dos riscos com animais, “[...] a irregularidade do volume das águas produz, ocasionalmente, perdas de grande magnitude para a economia dos pequenos produtores [...]” (PINTO, 2010, p. 162).

Na lavação você tem que se virar porque senão ou ela estraga, ou ela vai amolecer tudo, ou você não vai tirar nada, vai perder. De manhã você tem que ir lá, quando começa a entrar n’água [cheia do rio], você tem que cortar, tem que botar mesmo para cortar, tem que tirar tudinho para fazer o feixe [...] (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

Witkoski (2010, p. 425) enfatiza que “após a colheita, a cheia se encarrega de limpar o terreno, que não sofre processos agressivos ao solo com a queima, prática comum a outras plantações. No processo industrial são utilizados aditivos orgânicos e óleos vegetais [...]”. É no período de cheia que as terras de várzea passam pelo conhecido processo de descanso, fato que também contribui para a manutenção da fertilidade nesses terrenos.

Os passos seguintes e finais do processo de trabalho das fibras são a secagem e o enfardamento. O primeiro consiste em estender e revirar a fibra em varais de madeira construídos próximos às casas para que possam secar ao sol, uniformemente. O último passo compreende o processo de amarrar as fibras em fardos.

A produção da fibra de malva se expressa em um processo de trabalho fundamentado a partir da ideia de que:

[...] o pai da família, trabalhador agrícola, é que provê o consumo dos familiares, quase sempre ajudado por mais dois membros da família. Geralmente, os filhos do sexo masculino até os quinze anos, daí em diante, devia realizar as tarefas do pai, ou a mulher quando deixava seu trabalho doméstico para as filhas executarem [...] (NODA, 2010, p. 131).

Assim, percebemos que os malvicultores e malvicultoras não desenvolvem um trabalho individual, mas familiar. Utiliza-se a força de trabalho familiar para a produção das fibras, com as mulheres, jovens e crianças colaborando direta ou indiretamente na obtenção da produção, como destaca a entrevistada:

Porque, assim, aqui todos nós trabalhamos, dos menores aos maiores, quando eles chegam da escola, aí eu digo, assim, os que não podem nesse trabalho de malva, os que não sabem lavar, eles vão passar do roçado para cá, eles sabe dirigir rabeta (motor), aí eles vão trazendo para pendurar aí no varal, aí quando a gente chega, a gente só já vai pendurar, é assim, todos tem uma tarefa para fazer [...] (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

É importante destacar o fato de existir uma divisão sexual do trabalho, ou seja, existem etapas consideradas femininas e outras, consideradas masculinas no contexto da produção das fibras de malva da Comunidade Ilha do Valha-me Deus.

Gênero: divisão sexual do trabalho na produção da malva

Os estudos de Sousa; Rodrigues e Noda (2008) indicam que as mulheres labutam na agricultura familiar durante todo ano, de segunda a domingo, e participam de todas as atividades direta e indiretamente associadas à agricultura: comercialização da produção, cuidado com animais e trabalho agrícola. Na Ilha do Valha-me Deus, observamos que as mulheres têm conhecimento de todas as etapas do processo produtivo agrícola. Elas sabem desde como plantar até como comercializar os produtos. As falas abaixo mostram a presença feminina no “plantio”, na “capina”, “lavação” (desfibrilamento) e até na “comercialização”, quando é necessário: “se for preciso eu faço” (Entrevistada 05. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013, referindo-se à comercialização)

Esse trabalho da malva ele é um trabalho cansativo, até que no plantio até que não, a gente planta com máquina manual, também na capina, mas na cortação, na lavação você tem que se virar porque senão ou ela estraga ou ela vai apodrecer tudo [...] (Entrevistada 03. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013).

Apesar de deterem o conhecimento sobre todas as etapas do processo de produção das fibras, algumas mulheres não trabalham mais nesta produção. O prin-

principal motivo do seu afastamento é o crescimento dos filhos, que as substituem, principalmente os meninos. Há ainda as questões do envelhecimento e cansaço pois, com o avanço da idade, as mulheres já não querem mais ir trabalhar dentro d'água, no desfibramento da malva. Existem também mulheres que trabalham na produção, mas não participam de todas as etapas do processo.

Para afogar tem que tirar pau [madeira], pegar terra para botar no toco da malva, só para homem mesmo [...] Eu não carregava, não afogava, só cortava mesmo e lavava, jogar no varal fiz bem mesmo, estendia tudinho, aí quando enxugava, recolhia. (Entrevistada 01. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

[...] Tem trabalho que não é para mulher [...], eu vejo que não é para mulher estar lá, a minha mulher, por exemplo, quando nós não tínhamos filho ela me ajudou muito capinando, cortando juta, lavando juta comigo, mas também eu não deixava ela ultrapassar daquilo que ela não aguentava, por exemplo, carregar um monte de juta no ombro eu não deixava ela fazer isso porque eu sabia que não era para ela, até lavar tudo bem. (Entrevistado 06. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013)

São os homens que recebem as sementes ou trocam as fibras da safra anterior pelas sementes junto aos órgãos governamentais – IDAM - ou intermediários. O plantio é realizado pelos homens. Raramente as mulheres fazem isso. Quando a planta da malva começa a crescer até alcançar determinado tamanho são as mulheres que fazem a capina para retirar o mato prejudicial à plantação. Já a colheita da plantação é um trabalho executado principalmente pelos homens; as mulheres só se engajam na tarefa caso haja necessidade.

Após o corte, os homens pegam as plantas de malva cortadas e distribuem em feixes. Posteriormente, esses feixes são afogados na água, ficando imersos por um período de seis dias. Depois disso, os feixes passam pelo processo de desfibramento. Essa atividade é realizada dentro d'água, por homens e mulheres. Com a fibra retirada, é necessário transportá-la para os varais destinados à secagem. O transporte é, geralmente, realizado pelas crianças e mulheres; as mulheres são as principais responsáveis por colocar a fibra para secar nos varais: “cortava mesmo e lavava, carregava também, jogar no varal fiz bem mesmo, estendia tudinho, aí quando enxugava, recolhia.” (Entrevistada 01. Ilha do Valha-me Deus, 2013).

Feita a secagem, os homens enfardam as fibras, etapa necessária para a comercialização. A comercialização na comunidade é realizada por homens e mulheres, de acordo com o contexto familiar, visto que existem famílias em que as mulheres assumem a função e há outras em que as mulheres só comercializam quando os homens estão ausentes por algum motivo, como viagens para outras cidades.

No âmbito da divisão sexual do trabalho do processo produtivo da malva existem atividades comuns para homens e mulheres, conforme Quadro 01. O corte e desfibrilamento é realizado por ambos devido às condições ambientais da plantação. Quando as águas do rio se aproximam da plantação é necessário a colheita para não perder a safra, pois a área plantada fica submersa (é o período da cheia dos rios). É necessário desfibrar aproveitando o período da cheia, pois é nas águas que se lava e retira a fibra das hastas das plantas de malva.

Quadro 01 – Divisão sexual do trabalho na produção da malva e etapas comuns

HOMENS	MULHERES
Negociam as sementes	Capinam
Plantam	Cortam
Cortam, Afogam	Desfibrilam
Desfibrilam	Transportam
Comercializam a fibra	Fazem a Secagem (varais)

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

No âmbito da agricultura, estudos revelam “que o trabalho familiar ainda mantém desigualdades de gênero, privilegiando o homem-marido enquanto chefe de família e da propriedade. As mulheres devem cuidar da casa e das atividades de reprodução familiar [...]” (SILVA; SCHNEIDER, 2010, p.189). Na Ilha do Valha-me Deus, as mulheres, apesar de desenvolverem trabalhos de grande importância na produção, são responsáveis, em geral sem a participação dos homens, pelos cuidados no âmbito do lar, atividades reprodutivas e de manutenção da família.

Silva e Schneider (2010, p. 189), acrescentam ainda que, na agricultura:

As mulheres devem cuidar da casa e das atividades de reprodução familiar, ou seja, cultivo de hortas e ervas medicinais, pequenas criações, assim como a atividade leiteira. Os homens devem cuidar das atividades produtivas, ou seja, voltadas para

o mercado, enquanto consideram que as mulheres apenas ‘ajudam’, o que reflete a desvalorização do trabalho feminino pela sociedade, já que as tarefas domésticas não geram renda monetária (SILVA; SCHNEIDER, 2010, p.189).

Na produção rural, a divisão do trabalho entre homens e mulheres é realizada em cima da oposição entre trabalho ‘leve’ para as mulheres e ‘pesado’ para os homens. Todavia, existe certa flexibilidade nesta divisão, uma vez que, de acordo com as necessidades dos sujeitos, ambos fazem tudo sem distinção de sexo, isto é, se for preciso as mulheres pegam no ‘pesado’ e o homem no ‘leve’. Isso demonstra e reforça a ideia de que as diferenciações entre os sexos é uma construção sociocultural, já que as habilidades para desempenho de determinadas tarefas não são determinadas biologicamente e sim atribuídas a homens e a mulheres por influências ideológicas e culturais, em cada espaço social e contexto histórico. Podemos observar isso a partir das falas dos entrevistados:

[...] eu vejo que não é para mulher estar lá na produção da malva. Ela faz não por tanto que ela goste mas porque é preciso, ela ama o marido dela, ela vê o sacrifício dele, coitado! Ela tem pena dele, quer estar lá [...] o marido estar lá n’água, ela quer estar lá para ajudar, tem pena dele, mas que não é para mulher, não é não [...] (Entrevistado 06. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013).

Muito difícil o homem ajudar em casa, só quando não tem quem faça aí ele faz, um café, uma comida, cuida dopeixe. Isso quando está sozinho, quando os meninos estão, que eu saio, são os meninos que fazem. (Entrevistada 01. Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA, 2013).

As falas supracitadas nos revelam que, de acordo com as necessidades, as mulheres desenvolvem atividades consideradas pesadas, no contexto do processo produtivo, e os homens aquelas consideradas leves, no âmbito doméstico. Isso demonstra que as habilidades designadas como próprias a cada um deles é uma atribuição social, construída ao longo da história de homens e mulheres em cada contexto sociocultural.

Apesar de, em vários momentos, no contexto do trabalho na agricultura familiar, as mulheres desenvolverem atividades iguais às dos homens, os grupos familiares, a comunidade e as próprias mulheres internalizam que as atividades

por elas desenvolvidas são complementares e de ajuda ao marido ou pai. A mão de obra feminina, utilizada nas atividades que produzem valor de troca nas áreas rurais, representa uma grande economia nos gastos familiares. Se as mulheres não trabalhassem nessas atividades, seria necessário grande dispêndio com a contratação de outros trabalhadores e/ou trabalhadoras. Nesse contexto, notamos que o trabalho feminino é imprescindível ao grupo familiar, não sendo um trabalho apenas de ajuda ou complemento.

É importante destacar que “[...] é a sociedade que forma a diferença entre os sexos biológicos, de acordo com uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação de homens sobre mulheres, que também se manifesta na realidade da ordem social através da divisão do trabalho” (SILVA; SCHNEIDER, 2010, p. 189). Santos (2004, p.69) afirma que “gênero é ação, relação e representação e, em virtude de seu caráter relacional, torna-se impossível compreender a feminilidade sem fazer referência à masculinidade e vice-versa”.

A palavra gênero surge por volta dos anos de 1970, momento de efervescência política, de questionamentos e de luta por uma nova ordem social. Uma ordem de valorização da diversidade humana e do estabelecimento de uma sociedade justa e igualitária para todos povos, mas em especial uma sociedade livre de preconceitos e discriminação contra as mulheres.

Movimentos sociais e ambientalistas saem as ruas para reivindicarem os seus direitos, entre eles destacam-se os movimentos de mulheres, denominados Movimentos Feministas. Questionando a ordem social imposta, as diferenças sociais entre homens e mulheres iniciam a elaboração de uma nova episteme para a compreensão do processo sócio-histórico de construção e reconstrução das desigualdades de gênero.

[...] As identidades dos homens e mulheres e o papel social que desempenham dependem, entre outros aspectos, da forma como a sociedade se organiza para produzir e reproduzir sua própria existência, do jeito como as relações de poder são exercidas, da cultura que se institui e do que está sociedade pensa sobre si mesma, podendo variar de uma sociedade para outra. A forma de representação das diferenças entre homens e mulheres são, portanto, socialmente construídas, não sendo naturais e podem ser mudadas porque são construídas e reconstruídas na prática social. (PALUDO; DARON, 2011, p. 09).

Nas falas de Scott (1990) o gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos e seu uso rejeita explicações biológicas deterministas propagadoras de diversas formas de subordinação das mulheres:

[...] O gênero torna-se antes uma maneira de indicar construções sociais – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [...] (SCOTT, 1990, p. 07).

O debate em torno das relações de gênero traz em cena a urgente necessidade de se desconstruir e desnaturalizar as diferenças entre homens e mulheres, diferenças essas que ao longo da história foram, de forma equivocada, naturalizadas como biológicas e não como resultado de um processo social interpelado por interesses econômicos, políticos e culturais em uma lógica patriarcal.

Silva e Schneider (2010, p. 188) enfatizam como a noção de gênero está relacionada à cultura, na medida em que “[...] é formadora e formada por ela, ou seja, é a forma como a sociedade lida com as diferenças entre os sexos [...]”. Nesse sentido, o conceito de gênero sendo uma elaboração cultural sobre os sexos, questiona o que é dado como natural e biológico e busca demonstrar como o papel da mulher na sociedade pode ser alterado com benefícios para todos.

Desta forma, por meio dos estudos e discussões sobre gênero, entendemos a divisão sexual do trabalho, os papéis atribuídos socialmente ao homem e a mulher, tanto no âmbito da família como da sociedade como um todo. Nesta perspectiva, os estudos nos possibilitam entender a opressão feminina e as relações de poder entre os sexos, isso porque a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo e esta forma é adaptada, historicamente, a cada sociedade.

Sem desprezar as diferenças biológicas entre os tipos feminino e masculino, a perspectiva de gênero busca ultrapassar as características biológicas ao conceber homens e mulheres por meio de papéis sociais construídos historicamente. Os papéis sociais também podem moldar os tipos biológicos nessa direção. As relações de gênero se expressam nas relações estabelecidas entre os papéis sociais de homens e mulheres.

Conclusão

Percebemos a importância do estudo da situação da mulher e das relações de gênero, trabalho e situação de saúde no âmbito ribeirinho amazônico. A saúde da malviculora é muito prejudicada devido às pesadas e difíceis atividades de trabalho que realiza para produzir a malva.

Nesse sentido, este trabalho anseia contribuir para o debate em torno dessas problemáticas, em vista de resolvê-las ou amenizá-las. Além disso, buscamos reavaliar o incentivo a novas pesquisas no âmbito dessas questões.

Entendemos que é preciso ressignificar o trabalho da mulher, dando a ela o reconhecimento, a valorização que lhe cabe, além da promoção de melhores condições de trabalho, saúde e vida.

O trabalho da mulher não é mera ajuda, mas sim uma contribuição econômica fundamental na produção rural. Dar visibilidade a ele, com todas as suas implicações, é urgente, não somente na agricultura familiar, mas em todos os setores sociais e econômicos, em atividades socioculturais e na sustentabilidade ambiental da Amazônia.

Referências

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

FERREIRA, A. S. **Trabalhadores da malva: (re) produção material e simbólica da vida no Baixo rio Solimões - Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)**, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

HOMMA, A.; Oyama, K. **A imigração japonesa no estado do Amazonas: a expansão da juta no médio e baixo Solimões**. In: WITKOSKI, A. C. (Org.). **A cultura da juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo: Annablume, p. 41-69, 2010.

NODA, S. N. **Agricultura familiar amazonense: mobilidade e relações de trabalho na produção de juta e malva**. In: WITKOSKI, A. C. (Org.). **A cultura da juta e malva na Amazônia: sementes de uma nova racionalidade ambiental?** São Paulo: Annablume, p. 73-139, 2010.

PALUDO, C.; DARON, V. L. P. (elaboração). **Gênero, Classe, Projeto Popular: compreender mais para lutar melhor. Caderno de formação n° 1**. Publicação do MMTR/RS. Nov. 2011.

PINTO, E. R. M. F. **A constituição histórica da produção mercantil simples no estado do Amazonas e a cultura da juta.** In: WITKOSKI, Antônio Carlos (Org.). **A cultura da juta e malva na Amazônia:** sementes de uma nova racionalidade ambiental? São Paulo: Annablume, p. 143-216, 2010.

SANTOS, M. I. D. A. **Família, gênero e geração:** temas transversais. In: FROTA, M. H. de P.; OSTERNE, M. do S. (Org.) **Gênero e Representação –** Uma contribuição para os Estudos de representação à luz do Conceito de Gênero. Fortaleza: EDUECE, 2004.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade.** Porto Alegre. Jul/dez.1990.

SILVA, C. B. C.; SCHNEIDER, S. **Gênero, trabalho rural e pluriatividade.** In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, p. 185-207, 2010.

TORRES, I. C.; RODRIGUES, L. M. **O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica.** In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, p. 235-254 , 2010.

WITKOSKI, A. C. (Org.). **A cultura de juta e/ou malva:** sementes de uma nova racionalidade ambiental para a Amazônia? In: _____. **A cultura da juta e malva na Amazônia:** sementes de uma nova racionalidade ambiental? São Paulo: Annablume, p. 383-429, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. Tradução Ana Thorell. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SOUSA, L. C.; RODRIGUES, P. F.; NODA, H. **Participação da mulher na sustentabilidade da agricultura familiar na localidade de Jandira.** Iranduba, Amazonas, 2008. Disponível em: <http://www.cnpat.embrapa.br/sbsp/anais/Trab_Format_PDF/130.pdf>. Acesso em: 05 maio 2012.

Notas

- 1 Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Bacharela em Serviço Social. Pesquisadora na Incubadora Amazonas Indígena Criativa. Universidade Federal do Amazonas. e-mail: mayaravianadelima@gmail.com. Fomento: Fundação Rio Solimões e FAPEAM. Correspondência: Rua Alberto Mendes, nº 2182, Bairro Palmares, Parintins, Amazonas.

- 2 Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Bacharela em Serviço Social. Coordenadora na Incubadora Amazonas Indígena Criativa. Universidade Federal do Amazonas. e-mail: sandrahstf@gmail.com. Fomento: Fundação Rio Solimões e FAPEAM. Correspondência: Rua Alberto Mendes, n° 2182, Bairro Palmares, Parintins, Amazonas.

Artigo recebido no mês de março de 2017 e aceito para publicação no mês de maio de 2017